

## SISTEMA DE SENTIDO e SISTEMA DE FORMA

Elizabeth Rizzato Lara

A atividade crítica possui preocupações várias quanto à sua função. Correntes muitas vezes opostas são seguidas e defendidas acirradamente. O que se percebe no trabalho crítico, não importa o caminho escolhido, é a sua dupla função como quer Gérard Genette ao afirmar que “a dupla função do trabalho crítico consiste em fabricar sentido com a obra dos outros, mas também fabricar sua obra com este sentido”.

Pretende-se evidenciar neste artigo, de forma breve, a união da mensagem e o código: sistema de sentido e sistema de formas, isto é, encontro da mensagem no código, havendo integração do tecido lingüístico e o significado.

O enfoque desta análise quer ser equilibrado como atesta a retomada de posição de Jakobson em 1958 quando traz à tona os tropos e figuras gramaticais nos poemas, antes esquecidos nos primeiros estudos dos formalistas russos que se preocupavam primordialmente com a forma.

Evidenciando a ligação de um sistema de formas e um sistema de sentido, o funcionamento global das estruturas do texto serão também evidenciadas.

Roland Barthes, a par de suas várias tendências, sempre se preocupou com o problema do significado quando afirma da “liberdade que os homens têm de tornar as coisas significantes”.

Estabelecer a significação numa obra literária é difícil por ela possuir planos diferentes que só significam quando unidos num discurso narrativo particular, precisa Todorov e estabelece vários planos de descrição: o plano dos sons, o plano prosódico, principalmente na poesia, o plano gramatical, o plano da substância do conteúdo. São as relações entre os diversos planos — tecido lingüístico — que determinam a significação completa e concreta, levando à compreensão de uma obra literária.

Pode-se perceber esta intimidade e interrelação da mensagem e código na obra de Lygia Fagundes Telles — *As Meninas*.

No que se refere à fábula (segundo Tomashevski), o romance conta, num pequeno período de tempo, a vida de Lorena, Ana Clara e Lia até aquele momento, com todas as correlações com o passado de cada uma delas. A Lorena e Ana Clara é dedicado um número maior de capítulos do que para Lia, mas por sua vez ela transita constantemente nos capítulos das outras.

Lorena, menina rica, mascara toda a sua angústia em futilidades. Ana Clara, menina pobre, inconformada com sua situação, se desintegra física e psiquicamente para alcançar sua meta, a riqueza. Lia, menina rebelde, luta e se entrega a uma causa que considera certa.

O tipo de linguagem usado bastante frequentemente no romance por Lygia Fagundes Telles, o diálogo direto e o monólogo interior, é importante para a relação sentido e forma, principalmente o

monólogo interior no qual a personagem exterioriza seus anseios através da sua linguagem individualizada. Transparece, assim, a adequação da forma de se expressar e a sua função. Este interrelacionamento será feito através de fragmentos do texto referente a cada personagem.

#### ANA CLARA:

"Se esta cabeça me desse uma folga pomba. Queria ter uma abóbora em lugar da cabeça mas uma abóbora bem grande e amarelo-na. Contente. Semente torrada com sal é bom para lombriga ainda tenho o gosto e também daquele remédio nojento. Não quero a semente mãe quero a história. Então à meia-noite a princesa virava abóbora. Quem me contou isso Você não mãe que você não contava história contava dinheiro." (p. 27)

"Viessa de manhã que hoje não podia mesmo atender. Compreendia ah sim compreendia muito bem o quanto ela estava sofrendo porque essa infecção dói pra cachorro mas hoje era impossível." (p. 32)

"Posso agora respirar viver. É bom viver pomba. Quem foi que disse que. Sou linda brilhante vou sair em dez capas. Revistas importantérrimas. Sucesso. Deixa os piolhentos uivarem de inveja." (p. 35)

"E daí. Me forro de dinheiro faço meus cursos compro um laboratório que nem aquele. As agüinhas escorrendo e eu verde amarela azul ah vou me tingindo no mar. Um mar amor. Vou boiando e as línguas verdes dos peixes me lambendo os pés." (p. 38)

"Podre de feliz que nem." (p. 338)

"A Lorena disse que falar ao contrário dá sorte. Agora tenho que. E ainda lúcida." (p. 42)

"Queria saber as horas. Digo que me atrasei no. Vai perguntar perguntinhas." (p. 45)

Por estes fragmentos percebe-se que a desintegração de Ana Clara é acompanhada na forma da escritora apresentar a linguagem como o desaparecimento da vírgula, falta do ponto de exclamação, períodos incompletos com o sentido subentendido. Frases curtas, truncando o parágrafo, frases nominais porque Ana Clara é passiva, se abateu, se entregou, não tem mais capacidade de lutar, afundou na bebida, nos tóxicos. Ana Clara, agredida pela vida, não tem mais coerência, não se surpreende mais, não tem mais reivindicações a fazer, só quer a riqueza material, por que então usar vírgulas e pontos de exclamação? Frases incompletas porque a personagem não se completa através do fio narrativo. Fica, como a frase, em suspenso, a morte tira-lhe a possibilidade de realização.

#### LORENA:

"Nas horas nobres deitava no chão, cruzava as mãos debaixo da cabeça e ficava olhando as nuvens e latinando, a morte combina muito com latim, não tem coisa que combine tanto com latim como a morte. Mas aceitar que esta cidade cheira a pêssego, exorbita. Qué ciudad será esa? ele perguntaria na maior perplexidade. Terceiro Mundo? Terceiro Mundo. Y huele a durazno?" (p. 4)

"Os olhos nus. Em verdade vos digo que chegará o dia em que a nudez dos olhos será mais excitante do que a do sexo." (p. 4)

"Só Jesus compreende e perdoa, só Ele que já curtiu como nós, Jesus, Jesus como eu te amo! Vou pôr um disco em sua homenagem, espera, ofereço música assim como Abel oferecia ovelhas..." (p. 5)

"Numa manhã assim tenho que me segurar senão saio voando, olha as margaridinhas, abriram todas! — Apontou o canteiro embaixo da janela. — Coisa mais jóia. Bom dia, minhas margaridinhas!" (p. 7)

"— Vocês deviam seqüestrar o M. N., Lião. Por que é que não seqüestram o M. N.? Ele ficaria escondidinho debaixo da minha cama per omnia secula seculorum. Amen." (p. 9)

"Apesar do popô de baiana exorbitar, acho que fica melhor de jeans." (p. 17)

"Sabe que eu sei que anda num imbroglío dos demônios mas sabe também que respeito seu segredo. A pedra repousa no fundo das águas complacentes. Resquiescat in pace." (p. 24)

"Só pensava no meu rei proibido, He has a god in him, though I do know which god, oh, poeta, onde estiver proteja este meu pobre amor." (p. 61)

"Fiz mamadeira de um vidrinho de remédio que Irmã Bula trouxe, dormiu no meu pulôver de cashmere, fez pipi e etcétera no meu bidê até aprender a fazer no jardim..." (p. 67)

"Attendite et videte!" (p. 110)

"É outro. Marcus Nemesius. O pai latinista, todos os filhos têm nomes declináveis, não é bacana? Rosa, rosae. Servus, servi." (145)

Lorena usa uma linguagem estranha, afastada da usual como também afastada, quase inatingível está a possibilidade de atingir seus objetivos. É o caso das expressões latinas, completamente fora da realidade lingüística, o uso de frases e termos em espanhol, inglês, italiano, todas em grifo. O distanciamento está representado também por frases e situações de estilo bíblico. Uso organizado da pontuação como organizada e metódica é Lorena. Uso de um vocabulário apropriado, cuidado cheio de pudor porque o nome vulgar fere sua sensibilidade. Uso de diminutivos atesta o frágil de seu corpo e de suas diretrizes na vida. O desligamento de Lorena da realidade que a cerca é evidenciado por este tipo de linguagem que usa.

#### LIA:

"Putz, o pátio interno." (p. 114)

"Assim gostaria de guardá-lo também, no fundo da sacola, bem protegido, ô! acho que estou ficando uma velha sentimental." (p. 119)

"Meu? Gorro mais lindo, Bugre! Ando doida com meu cabelo, putz!" (p. 126)

"Ô, Bugre. Me turbilhonou completamente. Estava com pensamentos horríveis, sei lá. Mas como foi isso, como foi?" (p. 127)

"Tanta coisa que precisava de revisar, ô, essa notícia. Argélia. Mas que loucura, Argélia? Argélia, putz." (p. 129)

"Um pequeno milagre — digo e abafo a bóca na almofada, ô se pudesse grunhir de dor e de raiva." (p. 252)

Lia é apresentada mais frequentemente em diálogos diretos. Os monólogos interiores são em menor número pois ela age mais do

que reflete, sua ação é evidente, ela precisa batalhar. Usa uma linguagem descontraída, entremeada de exclamações, interjeições, gíria. O seu modo de ser se reflete na linguagem. Lia nos transmite uma mensagem de dinamismo, sua linguagem também é ágil, vibrante. Sua visão do mundo é realista, daí usar um vocabulário preciso, denotativo.

Através destas constatações, pode-se reafirmar que na obra literária existe a adequação do sistema de sentido ao sistema de forma, nenhum é usado aleatoriamente.

**NOTAS:**

Cf. Gérard Genette. **Figuras**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1972. P. 146. 182.

Cf. Tzvetan Todorov et alli. **Literatura e Semiologia**. Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 1976. P. 148.

Cf. Lygia Fagundes Telles. **As Meninas**. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 5a. Edição, 1974.